ANNO XV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 18 DE NOVEMBRO DE 1900 N.º 859 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 66

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis; Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

Aquestão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Já citámos Maudsley e uma passagem do seu livro *O Crime e A Loucura*. Para melhor comprehensão da nossa these seria necessario transcrever para aqui todo o capitulo IX d'esse livro, que tem por titulo, como já dissémos: «Meios da gente se preservar da loucura» e, principalmente, todo o capitulo VI d'outra obra tambem notavel do mesmo auctor, *A Phisiologia do Espirito*, capitulo que se intitulo: «Das Emoções ou affecções da alma» e que começa a pag. 324 da edição franceza de 1879. Mas na impossibilidade de o fazer, porque, além d'essa transcripção nos occupar muito espaço, os leitores gostam mais de receber, em jornaes, estes conhecimentos por pequenas dóses, limitar-nos-hemos, como até agora, a pequenas referencias.

No capitulo IX do *Crime e da Loucura* começa Maudsley por averiguar até que ponto o homem é responsavel pela sua loucura. «Até que ponto, pois, é o homem, que se torna louco, responsavel pela sua loucura? A questão não é d'aquellas que se teem tratado mais, comtudo merece que se estude, e profundamente. E' certo, com effeito, que o homem tem ou poderia ter sobre si proprio, em certos limites, o poder de prevenir a loucura. De qualquer lado que venha, a loucura é a perda da vontade, da faculdade de coordenar idéas e sentimentos; portanto, o sábio desenvolvimento da fiscalisação da vontade, sobre os sentimentos e sobre as idéas, fornece ao homem uma força que lucta energicamente em favor da sua saude. Não é raro vêr duas pessoas, collocadas ambas pela hereditariedade sob a mesma influencia prejudicial e, tanto quanto se póde suppôr, predispostas egualmente para a loucura, seguirem uma carreira bem differente: uma faz fortuna e ás vezes reputação; a outra termina no suicidio ou na loucura. Um fim elevado, para conseguir o qual trabalha tenazmente toda a sua vida, o que lhe impunha, por conseguinte, abnegação e disciplina de si proprio, foram, sem duvida, para o primeiro d'esses individuos, o esforço salvador. Pelo contrario, esse fim, grande em si ou grande sómente para o homem que elle força a observar-se e a conter-se, faltou ao segundo, que não teve para se governar um motivo bastante poderoso, deixando a porta aberta á corrente tumultuosa dos pensamentos e das affecções que arrastam á loucura. A esse respeito é curioso e interessante observar as estranhas mas salutares saídas que um grão de loucura constitucional encontra ás vezes para se desenvolver e alastrar: ora uma minucia extrema e sordida, ora a adopção fanatica de doutrinas ou praticas religiosas excessivas; ou então os absurdos d'um commercio imaginario com o mundo dos espiritos, uma disposição doentia para o delirio poetico, a propaganda desordenada das theorias sociaes ou politicas as mais exaggeradas.» (*Le Crime et La Folie*. edic. franc. de 1885, pag. 255 e 256.)

Portanto, segundo Maudsley, o bom exercicio da vontade é um meio poderoso de impedir a loucura nos individuos já predispostos para ella e n'este ponto, como já vimos por uma transcripção da «Consciencia e do Livre Arbitrio» do sr. dr. Miguel Bombarda, toda a sciencia está de accordo. «Não ha em todo o organismo, diz o illustre director do hospital de Rilhafolles, orgão mais eminentemente malleavel do que o cerebro. A funcção faz o orgão. Um musculo atrophia-se ou hypertrophia-se conforme o uso que d'elle fazemos. Mas, atrophia ou hypertrophia, o resultado não é senão uma differença de grau na energia da contracção. Todos os outros effeitos da contracção do musculo ficam os mesmos, as alavancas osseas deslocar-se-hão no mesmo sentido, a amplitude da deslocação será a mesma, etc. E' que a contracção muscular apenas representa uma somma de effeitos, todos os mesmos, independentes como são os respectivos elementos histologicos uns dos outros. Não assim com o cerebro. As differenças não veem só do muito ou pouco funccionamento, *mas do modo do funccionamento*. As differenças não são só de energia do acto intellectual, *mas do caminho que esse acto segue, da logica, do criterio, com que esse acto se desenrola. Ora, é aqui que a educação é omnipotente e chega até a ser poderosa em cerebros doentes*. Eduquemos pois os cerebros. Não os deixemos cahir nas trévas e na barbaria. Eduquemol-os na independencia, na liberdade, na consciencia da dignidade do ser humano. Saibamos ser os intellectuaes e não *abdiquemos do nosso direito de, por nós proprios, examinar e deliberar.*»

Vão em italico as passagens que reputamos mais dignas de ser attendidas n'este instante.

Assim pensa o sr. dr. Miguel Bombarda apezar de ser, com a sciencia moderna, contrario ao livre arbitrio.

O cerebro em condições de bom funccionamento, examinando e deliberando livremente, a vontade sábiamente dirigida, tal é a condição indispensavel da intellectualidade, da razão. O cerebro é *eminentemente malleavel*, sobre elle exerce uma *acção poderosa e omnipotente a educação*, portanto eduquemos bem, que da boa educação depende a dignidade da especie, o futuro, o bem estar, a grandeza da humanidade.

E assim pensam todos os sábios.

Mas o que fazem as religiões em geral e o jesuitismo em particular? Todo o seu objectivo, todo o seu fim é annullar a vontade, esse grande elemento de sanidade, esse meio poderoso de prevenir a loucura, como diz Maudsley. Sem a vontade, diz o mesmo auctor, sem um agente poderoso que leve o homem a observar-se, a disciplinar-se, qualquer grão de loucura constitucional, como o fanatismo religioso, lá o cita Maudsley, galopa, no cerebro predisposto, até á loucura.

Nos exercicios espirituaes, de que tratâmos no ultimo artigo, vê-se que o jesuitismo só procura fazer do homem um automato. As longas semanas de meditação e isolamento, a escuridão da cella, as caveiras que apparecem aos olhos do penitente, as historias phantasticas dos milagres, as rezas, as penitencias, as macerações, o repudio dos amigos, dos parentes e do mundo teem um unico fim: converter o homem ou a mulher em barro fragil onde o operador molde á sua vontade.

Os organismos mais bem constituidos reagem por si. Aquelles onde existam germens de loucura ficam irremediavelmente perdidos. Sobre a mulher é mais poderosa a acção do jesuitismo porque o sentimento affectivo na mulher é mais sujeito a perturbações do que no homem, e se a loucura mystica reveste n'ella quasi sempre tendencias eroticas é porque o instincto de reproducção está sempre álerta, é porque a natureza procura sempre o caminho normal e é o que nos vale. «Se as sociedades se teem salvo e teem progredido, é porque no fundo mesmo do pensamento do homem, no intimo das instituições sociaes, no amago das ordenações religiosas, a idéa da necessidade das acções, da subordinação do homem á sua natureza e ás circumstancias em que esteja, se levanta imperiosa e inilludivel. E' a lei a que se obedece cegamente, embora se não queira confessal-o.» («A Consciencia e o Livre Arbitrio», pag. 345.)

Assim é. Ai de nós se a natureza não reagisse, se, por baixo de tantas convenções estupidas, de tantas pressões monstruosas, de tantas mutilações atrozes, não apparecesse o homem, sempre o homem e só o homem.

Ai de nós!

«Foi habito, muito tempo, falar dos phenomenos psychicos como sendo radicalmente differentes dos phenomenos naturaes, como sendo inteiramente especiaes, sem se conformarem com a ordem da natureza. Parecia que o homem dictava a lei a si proprio, governando-se independentemente da natureza e fiscalisando-a sem se lhe submetter. Comtudo, o homem não está investido de nunhuma auctoridade d'esse genero; só fiscalisa submettendo-se, só conquista obedecendo: se não se conforma com a natureza é fiscalisado contra a sua propria vontade e paga esse erro com dolorosos soffrimentos, quando o contrario lhe daria a felicidade. As emoções, boas ou más, são phenomenos physicos, que procedem da vida vegetativa, que se conformam com as leis naturaes na sua origem, na sua natureza, na sua expressão, que devem ser estudados e discutidos como todos os outros phenomenos da natureza. Spinoza tratou as acções humanas, os appetites e as emoções pelo methodo geometrico, exactamente como se se tratasse de linhas, de planos e de sólidos, com um arrojo e profundeza que espantaram os metaphysicos.» (Henry Maudsley — *Physiologie de l'Esprit* — ed. franc. de 1879, pag. 325.)

E' por esse *fatalismo*, negação do livre arbitrio, que Maria Alacoque e Santa Thereza chegam até á indecencia na narração dos seus amores divinos, nas descripções dos seus encontros e das scenas que durante elles se passaram com o Christo, o divino amante. Ninguem, á primeira vista, dirá, lendo o extasi contado por Santa Thereza, que esta mulher não houvesse sido antes uma mundana, conhecedora de todos os segredos da luxuria. No emtanto, se é certo que Maria Cadière tambem julgava que era Jesus que ia dormir com ella, se todos já lhe chamavam santa, quando o Jesus era o jesuita Girard, seu confessor e director espiritual, que deixou gravida a pobre Cadière, o famoso Girard, que, antes da Cadière, tinha sido confessor e director espiritual d'outras tidas por santas, Rosa Botharel, por exemplo, que contava que tinha visto de manhã, estando bem acordada, *Jesus Christo apparecer-lhe de capa branca, com um ar magestoso e resplandecente* — todos os leitores vão apostar, como eu, que o figurão da capa branca não era outro senão o jesuita Girard, que devia ter feito, cesteiro que faz um cesto faz um cento, com a Rosa Bothard pouco mais ou menos o mesmo que fez com a *bella Cadière* — se é certo isso, não ha elementos para duvidar da castidade de Santa Thereza. Mas, lá o diz Maudsley, o appetite amoroso é anterior á experiencia individual e pouco devedor á consciencia. No estado de allucinação de Maria Alacoque e de Santa Thereza as mulheres castas falam do amor com a experiencia de velhas mundanas, o que demonstra a subordinação permanente e immutavel do homem á natureza, subordinação hereditaria, innata, fatal, inconsciente. As necessidades nutritivas e reproductivas são as mais energicas do organismo, as necessidades fundamentaes, que a vontade deve moderar, ou antes: regular, mas não abolir. Abolidas, como são as reproductivas por algumas religiões, a nevrose é fatal, e veem os extasis, os delirios d'essas victimas como Santa Thereza, delirios que não são mais que os gritos da natureza agrilhoada. Ou, pelo menos, vem a seccura d'alma, a má vontade que as virgens, passada certa idade, teem á humanidade; vem quasi a maldade dos castrados. «A alma dos eunuchos é, como o seu corpo, mutilada; são poltrões, invejosos, mentirosos, trapaceiros, faltos de todo o sentimento social e moral; a privação do instincto sexual privou-os do desenvolvimento e da energia que esse instincto inspira directa ou indirectamente; até onde vá essa influencia, é muito difficil de dizer; mas é provavel que se o homem fosse privado do instincto sexual a maior parte da poesia e da moral não existisse.»

Ora a castidade celibataria é uma especie de castração. Os eunuchos são castrados. Perdem os orgãos genitaes pela amputação. Os celibatarios castos perdem-n'os pela falta d'uso. Não é a mesma coisa. Certo é, comtudo, que o celibatario mystico é mau, poltrão, inimigo do seu similhante, odiando a humanidade e o mundo.

N'uma obra primorosa da litteratura portugueza — *A Reliquia* — deixou o grande escriptor Eça de Queiroz vivamente retratado, na D. Patrocinio, a tia do Raposo, o typo perfeito da virgem devota. E' aquillo mesmo. Alma e corpo engelhados. Odio á carne, isto é, ás nobres funcções da procreação. Nem abnegação, nem altruismo. Nada por amor do proximo. Tudo por amor de Deus, ou por amor de si proprio, que o amor de Deus não é outra coisa, para os fanaticos, senão a esperança anciosa das delicias do outro mundo.

E' esse o grande horror do jesuitismo. Ou a loucura, ou a maldade, ou a maldade e a loucura. Todo o seu grande trabalho é aniquilar a vontade, portanto aniquilar o cerebro, aniquilar o homem, instrumento passivo nas mãos de meia duzia. Sendo a tendencia da mulher accentuadamente subjectivista, isto é, sendo a mulher mais propensa a *sentir profundamente* do que a *vêr claramente*, sendo maior a sua susceptibilidade emocional, é sobre ella que o jesuitismo melhor

consegue o seu fim, é ella, de preferencia, o bode expiatorio, o pasto da loucura.

De tal fórma que até Gabriel Compayré, n'um excellente livro, como excellentes são todos os outros que vimos citando—nós temos a innocente presumpção de lêr bons livros—«Histoire Critique des Doctrines de l'Education en France depuis le seisième siècle», depois de engrandecer, com manifesto optimismo, o resultado da disciplina jesuita, grita,—pag. 203 e 204 do 1.º volume,—horror a essa disciplina. «A existencia mechanica, authomatica do jesuita é uma especie de morte espiritual.»

Não é uma especie. E' ella legitima.

E' a morte, é!

E' a morte!

«FOLHA DO POVO»

Este nosso collega da capital acaba de ser supprimido por, segundo allegam os agentes da auctoridade e mantenedores da *orde* publica, ter publicado um artigo com que a dignidade do juiz de instrucção criminal se julgou offendida.

Para substituir a *Folha do Povo* saiu logo na quarta-feira o 1.º numero da *Folha da Tarde*, a quem damos as boas vindas.

A cremação no Japão

L'Illustration, de 10 de novembro:

«O Japão é o paiz onde a cremação é praticada em mais larga escala.

N'uma interessante communicação feita ao Congresso de hygiene e de demographia deu o sr. Yamané, medico em chefe da preteitura de policia de Tokio, as razões d'essa pratica.

A incineração dos cadaveres tem a sua origem no Budhismo. A primeira incineração deu-se com um padre budha, ha 1:200 annos, cujo cadaver foi queimado em Shinshu. Dois annos depois morreu a imperatriz Osito e foi tambem incinerada.

Em 1876, a incineração foi regulada em regulamentos da policia e hoje, nos arredores dos districtos de Tokio, ha sete estabelecimentos crematorios. A operação, segundo o sr. Yamané, faz-se mais rapidamente no Japão que nos nossos paizes europeus. Bastam tres ou quatro horas para que o cadaver fique completamente reduzido a cinzas, e sem desenvolver o menor cheiro.

Emquanto que na Europa, em certos paizes, ha 6, 7 e 8 classes de enterros, no Japão ha só 5, aos preços approximados de 27, 19, 14, 8 e 4 francos.

Em Kioto, em Osaka, e em muitas outras cidades, a incineração tomou, como em Tokio, um desenvolvimento consideravel; póde-se avaliar em dois terços o numero dos mortos das doenças infecciosas e em dois quintos o numero dos cadaveres da mortalidade total que são incinerados. Assim, no anno de 1898, em 39:899 cadaveres, 21:943 foram enterrados e 21:943, ou seja 45 p. c., incinerados.»

Politica local

O sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena foi o introductor em Aveiro das irmãs da caridade, felizmente expulsas do hospital pela indignação e revolta de toda a cidade, n'um patriotico movimento em que tomou parte activa o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima. E' verdade que n'esse movimento tambem tomou parte activa o sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, que hoje é reaccionario, até ao ponto de condemnar o «Povo de Aveiro» por suppostas offensas á religião, o «Povo de Aveiro», que o illustre reaccionario então applaudia até ao ponto de lhe dar vivas, em plena rua, e ao seu redactor principal.

E' bom ir-se lembrando isto e ha de se lembrar sempre. Até o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima o póde ir lembrando tambem aos seus amigos, porque é bem possivel que a attitude do «Povo de Aveiro» fosse outra na lucta eleitoral da localidade, se o illustrissimo e excellentissimo sr. Francisco Regalla, nosso ex-amigo e ex-correligionario, nos tivesse feito a justiça que nos fez o sr. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, que nunca foi nosso amigo nem nosso correligionario.

O sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena foi o insultador mór de José Estevão e o que mais concorreu para que cahisse sobre Aveiro a vergonha eterna de derrotar na urna, dando-lhe meia duzia de votos, o seu filho mais digno e talentoso.

O sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena ainda é mais reaccionario do que o nosso já citado ex-amigo e ex-correligionario, e, em todo o caso, muito mais perigoso do que elle e muito mais responsavel, porque tem sido para esta terra d'um prejuizo moral e material verdadeiramente incalculavel.

Portanto, mal avisado andou o sr. Albano de Mello em o ir buscar para seu logar-tenente em Aveiro. Mal avisado por muitos motivos

Lembre-se só o sr. Albano de Mello de que foi elle quem perdeu Manuel Firmino d'Almeida Maia. Este homem estava no auge do poderio e da influencia quando surgiu a questão das irmãs da caridade. Todos sabem que Manael Firmino quiz transigir e o sr. Barboza de Magalhães tambem. Se teem transigido, a influencia politica de Manuel Firmino mantinha-se e continuava.

Mas como José Eduardo d'Almeida Vilhena se oppoz abertamentamente a todas as transigencias, Manuel Firmino e o sr. Barboza de Magalhães acompanharam-n'o por espirito de lealdade e d'ahi resultou a quéda desastrosa de Manuel Firmino, quéda de que nunca mais se levantou.

O logar-tenente de Manuel Firmino era José Eduardo d'Almeida Vilhena. O logar-tenente do sr. Albano de Mello é José Eduardo d'Almeida Vilhena.

Não damos os parabens ao sr. Albano de Mello. Verá o que d'ahi lhe resulta, quer vença quer perca agora a eleição por Aveiro.

Quem sabe lá se d'ahi resultará contra o sr. Albano de Mello uma colligação tão formidavel como a que derrubou e inutilisou Manuel Firmino d'Almeida Maia?

Quem sabe lá se esse será o ponto inicial para juntar n'um partido local, n'um *partido d'Aveiro*, regeneradores, republicanos, e progressistas dissidentes, de que vão apparecendo indicios já por demais eloquentes?

Nada sabemos e nada dizemos senão isto: José tem azar e o sr. Albano de Mello não deu o melhor passo indo buscal-o para seu immediato.

O valor numerico do resto do circulo será grande. Mas o valor moral d'Aveiro póde muito, alem do seu valor numerico não ser para desprezar.

Tenha isto em conta o sr. Albano de Mello.

De resto, a nossa neutralidade cá está e mantel-a-hemos, na campanha eleitoral, até ao fim.

Na «mairie» do bairro clerical de Paris, em Saint-Salpice, realisou-se um estrondoso casamento civil, em desusadas circumstancias: a sala estava brilhantemente adornada com damascos e flores, uma orchestra tocou a marcha nupcial de Mondelssohn, e o «maire» leu um discurso e entregou os anneis aos noivos, consagrando assim a cerimonia. Os Convidados apresentaram-se de casaca e as damas em «toilete» de baile.

Companhia Nacional Editora

D'esta benemerita empreza de publicação recebemos um livro que agradecemos — *O Salto Mortal — Amor Louco* — titulos d'uma comedia em 1 acto, em verso, e d'um drama em 4 actos, do illustre auctor Lopes de Mendonça.

Tanto a comedia como o drama são bem conhecidos por terem sido representados nos theatros de D. Maria, de D. Amelia com fartos applausos. Merecem sêr adquiridos por todos os amadores das boas lettras.

Os versos são excellentes.

ELEIÇÕES

E' de hoje a oito dias que se realisa o acto eleitoral em todo o paiz. E, para nós e para toda a gente, a maior curiosidade da campanha está no reapparecimento do partido republicano, que se resolveu, emfim, e com tino e acerto, a occupar o seu logar no combate.

Um partido democratico nunca foge, nem se retrahe. Póde haver um ou outro retrahimento local, ás vezes imposto por interesses da propria democracia. Mas retrahimento geral e officialmente decretado só o pratíca um partido sem cabeça, quando se diga republicano ou democrata.

Vencido ou vencedor pouco importa. A questão é apparecer, é affirmar os seus principios, é luctar tenazmente por elles, que n'essa tenacidade está a maior e a mais efficaz das propagandas, principalmente n'uma raça como a nossa, sempre disposta á indifferença e ao desalento.

O partido republicano reapparece e reapparece liberto das influencias miseraveis que o inutilisavam. O partido republicano nada fazia porque estava á mercê de meia duzia d'imbecis e d'outra meia duzia de tratantes, que inutilisavam todos os esforços democraticamente e patrioticamente sinceros. Agora não. Os nomes offerecidos ao suffragio são de gente nova, alheiada das intrigas dos conventiculos e das cotteries. Nomes honrados, que merecem applausos.

E' dever de todos os republicanos votar n'elles. E não só dos republicanos propriamente, como tambem dos que amam a liberdade e o seu paiz.

Ha cincoenta annos que não se sentia entre nós a pata pesada da reacção. Hoje, porém, vivemos n'uma atmosphera liberticida e anti-patriotica. Urge oppormonos todos, e energicamente, ás tentativas que se teem feito e ás que se projectam para nos reduzir ás condições de servos. Mostremos que estamos dispostos a repellir os attentados que se commettem dia a dia contra a liberdade e contra os interesses nacionaes. Façamos andar para traz a clericalha! Reduzâmos ao seu papel os Veigas e mais pimpões do despotismo, que nos affrontam. E o melhor meio é a urna, que se não nos dá o triumpho definitivo dá-nos um instrumento de combate muito importante. Saiba o paiz que uma das velleidades dos homens do poder era a inutilisação completa dos republicanos. A maior gloria do reinado do sr. D. Carlos era, para todos os partidarios do regimen, ter feito desapparecer os republicanos. Proclamavam-n'o, gabavam-se d'isso. Podemos affirmal-o.

A victoria dos republicanos no Porto, na ultima eleição, não importou a proclamação da republica. Comtudo, as consequencias d'esse facto foram extraordinarias e altamente vantajosas para a democracia. D'ahi resultou a quèda do governo progressista, d'ahi resultou não irem á camara muitas propostas immoraes e nocivas, d'ahi sesultou, pela attitude dignissima do sr. Affonso Costa e dos seus companheiros, desmancharem-se muitos arranjos, d'ahi resultou o resurgimento do partido republicano, que, parecendo morto ha dois annos, já hoje ergue, audacioso, a cabeça em todo o paiz.

Por isso, eleitores do Porto, de Lisboa, de Tavira, de Santarem, de Beja, de toda a parte onde se apresentam republicanos, á urna pelos candidatos da patria e da democracia. Não desanimeis. Tende a millessima parte, que essa basta, d'aquella energia que levou os nossos antepassados á conquista de novos mares e de novos mundos.

O Porto, principalmente, tem uma altissima missão a cumprir. Foi elle que deu agora, como tantas vezes tem feito, o grito de alarme. Esse grito foi ouvido em todo o paiz.

Oxalá que não se esqueça, nem se arrependa.

São esses os nossos votos, votos pela liberdade, votos pela patria.

Outro invento de Edison

Thomaz Alba Edison, o bruxo de Menlo Park, como lhe chamam, conseguio construir uma machina para produzir correntes eletricas directas do carvão, sem necessidade de instrumentos nem dinamos.

Edison diz que o seu invento se tornará praticavel em pouco tempo e que em breve teremos navios movidos pela electricidade, attravessando o Atlantico em quatro dias.

Accrescenta que com a nova descoberta se poderão illuminar não só as cidades como tambem as casas, com pequeno dispendio. Applica o calor á conjuncção de dua placa de metal, obtendo enormes correntes de electricidade.

Antes de Edison, varios inventores procuram o meio de obterem economicamente grandos correntes electricas, mas sempre a desproporção entre o calor applicado e a corrente produzida contrariou todos os intentos.

Estava reservado a Edison o triumpho na lucta que tantos homens eminentes tem sustentado pela sciencia.

(65) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

— Pois então, disse o homem, responderás por isso a nosso amo, velha bruxa. E sahiram, deixando Rebecca em companhia da velha, a cuja presença se via assim obrigada contra sua vontade.

— Que feito diabolico estarão elles agora machinando? murmurou a velha comsigo mesma, ao mesmo tempo que lançava de revez um olhar maligno a Rebecca. Mas é facil de adivinhar: olhos brilhantes, cabellos negros e uma pelle branca como o papel antes de o sacerdote a ter manchado com a sua droga preta... Sim, é facil de advinhar por que motivo elles a mandaram para esta torre isolada, d'onde um grito não se ouviria melhor do que se fosse dado a quinhentas braças abaixo da terra.—Tu vaes ter as corujas por visinhos, minha bella; e tanto se ouvirão os seus gritos como os teus, e tanto caso farão d'uns como dos outros. Estrangeira tambem, disse ella, reparando no vestido e no turbante de Rebecca. De que paiz és tu? E's sarracena ou egypcia? Porque não respondes? Tu sabes chorar e não sabes fallar?

— Não vos zangueis, boa mãe, disse Rebecca.

—Não precisas dizer mais, replicou Urfried; conhece-se uma raposa pela cauda e uma judia pela lingua.

— Por compaixão, disse Rebecca, dizei-me que posso eu esperar para conclusão da violencia que me fizeram arrastando-me para aqui? E' a minha vida que elles querem por causa da minha religião? Perdel-a-hei alegremente.

— A tua vida, lindinha? respondeu a bruxa. Que prazer teriam elles em te tirarem a vida? Acredita-me, a tua vida não está em perigo. O destino que te vão dar a ti é o que outr'ora julgaram sufficientemente bom para uma nobre donzella saxonia. E deve uma judia, como tu, lamentar-se de a não tratarem melhor? Olha para mim. Eu era tão nova e duas vezes mais bella do que tu quando Testa-de-Boi, pae de Reginaldo, e os seus normandos assaltaram este castello. Meu pae e seus sete filhos defenderam o seu patrimonio de andar em andar e de aposento em aposento. Não havia um quarto, não havia um degrau de escada que não estivesse manchado com o seu sangue. Morreram todos; e ainda os seus corpos estavam quentes e o seu sangue ainda não estava secco, já eu era victima do conquistador e objecto das suas chufas.

— E não ha recurso algum? Não ha meio de fugir? perguntou Rebecca. Eu recompensaria o teu auxilio magnificamente,—magnificamente!

— Não penses n'isso, disse a velha. Para sahir d'aqui não ha senão a porta da morte; e é tarde, muito tarde, accrescentou abanando a cabeça grisalha, que ella se abre para nós. Mas é consolador pensarmos que deixamos atraz de nós na terra creaturas tão infelizes como nós. Adeus, judia!—Judia ou christã, a tua sorte seria a mesma, porque tens de haverte com pessoas que não teem escrupulos nem piedade. Adeus, a minha roca está fiada e tu vaes começar a tua tarefa.

— Deixa-te ficar, pelo amor de Deus! imploron Rebecca.—Deixa-te ficar, ainda que seja só para me amaldiçoares e injuriares. A tua presença ainda me serve d'alguma protecção.

— Nem a presença da mãe de Deus te serviria de protecção. Olha, ella ali está, disse a velha apontando para uma tosca imagem da Virgem Maria, vê se ella póde afastar a sorte que te espera.

(*Continúa.*)

Cartas d'Algures

15 DE NOVEMBRO.

A minha ultima carta sahiu tão indecentemente composta e revista que nem vale a pena dizer nada. Ao menos que os leitores percebam o que o redactor tinha em mente quando escreveu. Erros de grammatica já se perdoam, e erros crassos, que os outros, mais ou menos, em jornaes, todos os commettem, uns por precipitação, outros por ignorancia. Mas disparates sem nexo, isso abobora, sr. typographo e sr. revisor, se ha ahi alguem, afinal, que revê. Papão em vez de Japão, bates revolucionarios, em vez de hostes revolucionarias, etc, é realmente da gente acenar com a mão aos *homens de bates* que fazem d'essas em qualquer jornal e de os mandar passeiar, já que elles nem teem respeito pelos leitores nem por elles proprios, deixando a descoberto um desmazêlo que por ser caracteristicamente nacional não deixa de ser sempre embirrento.

Mas voltando ao assumpto da ultima carta, é inutil pensar por mais tempo nas vantagens que advirão das reformas do sr. ministro da fazenda, porque a verdade está sómente n'aquillo que eu disse. Ha muitos annos que eu mesmo escrevi n'esse *Povo de Aveiro*, antes de mais ninguem o escrever, que o nosso *deficit* era, antes de tudo, moral e intellectual. Esse é que é o nosso grande *deficit*, o que nos aniquila, o que nos esmaga.

O sr. ministro da fazenda poderá ter idéas, o que é raro em ministros. Mas se as teve, se ha coisas boas no seu plano de reformas—o que queremos acreditar porque é mais sympathico partir do melhor para o peior que do peior para o melhor—todas ellas hão de esbarrar na falta de honestidade e de escrupulo que caracterisa os partidos e os politicos d'esta terra. Até nos chamados partidos democraticos se encontra essa falta, quanto mais nos outros, muito mais profundamente corrompidos e desmoralisados!

A educação profundamente clerical, que o paiz têm tido durante seculos, incutiu no povo portuguez uma tal preguiça, um tão feroz egoismo, um tal espirito de hypocrisia e de subserviencia que é difficilimo fazer d'elle qualquer coisa. Em todas as classes, em todas as collectividades nacionaes se encontra o mais absoluto desprezo pelos interesses dos outros em particular e da patria em geral. Por essa preguiça e por essa falta de iniciativa não só accodem todos ao emprego publico, fugindo a ganhar a vida pelo proprio esforço honesto, pelo emprehendimento util, por uma actividade que seria vantajosa ao proprio estado physico do individuo, como se servem da politica como instrumento de todas as immoralidades e torpezas. Assim vêmos bachareis em direito, medicos, militares, etc, calcar aos pés os mais honrados principios para seguir na esteira d'uma politica anti patriotica e imbecil.

Pela mesma preguiça vemos aquelles que fugiram dos emprehendimentos industriaes, agricolas, etc, abandonar os serviços inherentes ao emprego publico que lhe déram. Ninguem se rala, ninguem faz caso de coisa nenhuma. Só quem pertence ao funccionalismo, civil ou militar, e tem consciencia, póde apreciar e sentir a pavorosa indifferença com que os empregados publicos, de todas as ordens e cathegorias, encaram, não só os interesses particulares, como os interesses do estado. Chega-se á indignidade de apregoar como acto de finura e de habilidade fazer o menos possivel. Já não falo na admiravel falta de pejo e de decoro com que um homem póde receber o seu ordenado com a consciencia a dizer-lhe que o não mereceu. Vamos mais longe: apregoa-se a preguiça, o desleixo, a inaptidão como um titulo de habilidade e de bom senso!

Todas as collectividades publicas soffrem d'esse cancro horrendo. Na magistratura, é raro o juiz que toma a peito os interesses das partes. Os escrivães esfolam-n'as, desprezam-n'as, não dão um passo senão com a mira no interesse, chegando ao mais revoltante estado de desprezo pela justiça de que são funccionarios, e os juizes, em geral, applaudem ou fecham os olhos, os mesmos juizes que' por outro lado, estão sempre promptos, apezar de se dizer que pertencem a um poder independente, a curvar a cabeça ás mais odiosas imposições do alto contra a liberdade e contra a justiça.

No exercito, ninguem se quer ralar, todos fogem ao serviço, todos consideram—com as excepções que ha em tudo—os objectos da fazenda publica roupa de francezes, raros aquelles que trabalham e se instruem para corresponder á responsabilidade que contrahiram perante a nação.

No funccionalismo civil o caso é peior e attinge as proporções d'um verdadiro attentado.

Sahindo da vida publica para a vida particular, encontrâmos, em cada familia e em cada cidadão, os mesmos vicios de preguiça, de egoismo, de falta de honestidade, de boa administração, de bom senso, emfim. O negociante não se peja de levar cem por aquillo em que ficaria bem remunerado levando dez; o operario, que grita por socialismo e liberdade, considera um acto de boa justiça fazer toda a *cêra* que possa; o agricultor a mesma coisa, até ao ponto de se considerar *roubado* todo o proprietario que não andar de guarda a elle como nos tempos da escravatura, e assim por deante. Juntando a isto a mania do luxo e das grandezas, de que tanto soffre esta pobre raça, ficamos com a visão nitida do quadro nacional da nossa decadencia e do nosso aviltamento.

Qual é o remedio para isto?

E' uma propaganda tenaz de justiça, de verdade, de honradez, que ninguem faz. Só o jornal poderia ser o vehiculo d'essa propaganda. Mas o jornal, ou é o *Seculo* mercantil, ou é o jornal pago pelos cofres da policia secreta, ou é o jornal republicano transigindo com os vicios partidarios e, acima de tudo, com os preconceitos das multidões, preconceitos que não ataca e que nem sequer melindra com medo de lhe fugirem os leitores.

Os ministros adulam o rei e acceitam todas as suas imposições; a turba-multa dos partidarios engraxa as botas aos ministros e aos chefes dos partidos; os jornaes democraticos adulam o povo ou, pelo menos, fogem de dizer o que lhe desagrada. Ninguem affirma a verdade. A lisonja, a hypocrisia são o cumplemento fatal da preguiça e do egoismo sordido.

Comtudo, repetimos, só por uma grande propaganda de verdade, de justiça, de honradez, a nação se poderá levantar. E' necessario ensinar aos outros que não ha nada mais falso nem mais contraproducente do que sacrificar tudo aos interesses individuaes; que não ha nada mais indigno do que um homem sentir gritar-lhe a consciencia que não produz o trabalho correspondente á remuneração que recebe; nada mais ignobil e mais covarde que lisongear os grandes e mentir-lhe a cada instante; nada mais ridiculamente pretenciosa que a mania dos luxos e das grandezas.

Quando se tentar isso, que constitue a essencia dos principios, d'esses principios que inspiram desdem e troça aos que se dizem praticos, entraremos no caminho da regeneração. De contrario, sem deixar de ser sympathico e de merecer applausos qualquer plano sensato de reformas financeiras, viremos sempre, no emtanto, a cahir no mesmo atoleiro, não obstante a troça dos tratantes, dos scepticos, dos imbecis *aos* **immortaes** *principios*, immortaes, na verdade, por que sem elles não ha sociedade que não succumba.

Que cada um se convença da verdade do que ahi fica dito e que procure transmittil-a, que é o mais assignalado serviço prestado n'este instante ao povo portuguez.

A. B.

No anno passado fabricaram-se em Hespanha 78:618 toneladas de assucar. Presume-se que a producção do anno corrente seja superior ao consumo.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

A morte nos animaes

Resumo d'um artigo de *La Nature*, de 10 de novembro:

Segundo o dr. Paul Ballion, se os animaes teem idéa da morte, como parece, não teem, pelo menos, os terrores e as apprehensões do homem. Recebem a morte, até ás convulsões da agonia, com um socego obstinado, que junto á sua attitude, denota n'elles uma consciencia obscura da quéda final e o presentimento do fim proximo. Não teem, nem saudades do passado nem inquietações pelo futuro. (1).

Pierre Loti, o notavel litterato, conta que ferindo de morte um joven macaco este se deixou apanhar conscio da sua morte, collocando-o com os seus olhos de infancia onde pairava uma extraordinaria e incrivel expressão de agonia, de terror e de censura. Encostou a fronte ao peito de Loti e expirou.

Os marinheiros d'um navio inglez feriram um orangotango. Este animal, aliás tão feroz em saude, contemplava as suas feridas e apalpava as com uma cara tão triste e piedosa que os marinheiros ficaram pesarosos e consideraram a morte do animal como um verdadeiro assassinato.

Um cercopitheco, ferido por Brehm, cahiu no chão. Depois assentou-se tranquillamente e começou, sem um grito, a enxugar o sangue que corria das suas numerosas feridas. «Havia n'esse momento, accrescenta o sábio naturalista, o quer que era de tão humano, de tão nobre e de tão calmo no seu olhar que eu corri, altamente commovido, a atravessal-o com a minha faca, para pôr termo aos seus soffrimentos.»

Julio Gérard conta que um leão, cahido n'um poço, deu saltos prodigiosos para se libertar. Vendo que era inutil, ouvindo os gritos d'alegria dos habitantes da aldeia, comprehendendo que estava perdido, preparou-se para morrer dignamente. Depois de receber as injurias e as balas sem se queixar e sem pestanejar, ergueu a sua bella cabeça para lançar um olhar de desprezo aos arabes assassinos e deitou-se para expirar. Gérard refere que todos os leões faziam o mesmo.

Molins conta uma scena egual do tigre. Apanhado tambem n'um poço deu saltos furiosos para escapar. Depois, reconhecendo a sua impotencia, resignou-se e deitou-se, com a cabeça poisada nas patas deanteiras, olhando para cima. E assim esperou, sem um queixume, que o fuzilassem.

Factos analogos se contam do cão, do gato, do bufalo, do toiro, do elephante, etc.

O sr. Ballion conclue que a resignação é, ordinariamente, o caracteristico moral da morte dos animaes. Comtudo, cita excepções. Segundo elle, ha animaes que parece não se resignarem e que, chegados ao fim da vida, cahem n'uma tristeza profunda. Este facto dá-se principalmente com as especies que vivem intimamente com o homem. Vê-se, ás vezes, a physionomia d'estes animaes impregnar-se, com a approximação da morte, de uma angustia crescente, como se, no momento de deixar os sêres que lhe são caros, elles sentissem a amargura das separações finaes.

O dr. Feré communicou ao dr. Ballion um caso interessante d'esta ordem dado com uma cadella e o dr. Salivas outro caso tambem interessante dado com uma gata, casos que omittimos ambos por serem de uma narração extensa e que occupariam mais espaço do que aquelle de que podemos dispôr.

Jury Commercial

Realisa-se no dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala do Tribunal d'esta comarca, a eleição do Jury Commercial.

"O NORTE,,
Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

(1) E' esta falta de *inquietação pelo futuro*, é a ausencia do medo da outra vida, que os faz morrer socegados. Porque, de resto, tudo indica que o animal conhece a morte.

Invenção maravilhosa

Uma invenção maravilhosa, que vae revolucionar o mundo dos sabios: — é um apparelho d'uma tal forma de transmissão de sons, que leva a voz nitida, clara e vibrante a mais de vinte e cinco milhas de distancia. O inventor é o coronel americano Gousaud. No tempo de guerra os commandantes do exercito communicarão entre elles: as esquadras trocarão ordens a distancia: no nevoeiro, os navios hão-de evitar a collisão: os aereonautas dirão para a terra as suas observações e, n'uma campanha, informarão das posições do inimigo. Mais ainda: a «garaudphone» (é o nome do apparelho) applicado a um fio telegraphico, transmitte a voz ás distancias mais inverosiveis. De Paris póde fallar-se para Moscou, pura Pekin, para Nova-York. Com tal apparelho, o padre Patagonia poderia palestrar um dia inteiro com os antipodas. Que grande achado para os surdo, sobretudo!

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

5.ª SECÇÃO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 73 DE MIRA A POYARES

Ramal para o Estabelecimento dos banhos de Luzo

SERVENTIA PARA A POVOAÇÃO DOS MOINHOS

Empreitada de execução do pavimento

FAZ-SE publico que no dia 27 do corrente mez, pelas 12 horas da manhã, na Secretaria da Direcção das Obras Publicas, em Aveiro, e perante a respectiva commissão presidida pelo chefe da secção, se receberão propostas em carta fechada para a arrematação da empreitada de execução do pavimento da Serventia para a Povoação dos Moinhos do Ramal para o Estabelecimento dos banhos de Luzo, da Estrada Districtal n.º 73, de Mira a Poyares, sendo a base de licitação:

Réis 382$365

O processo da arrematação, contendo as medições, condições e encargos estará patente na Secretaria da Direcção das Obras Publicas do Districto de Aveiro, todos os dias não sanctificados, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

As guias para effectuar o deposito provisorio, na importancia de 9$560 réis, serão passadas na Secretaria da Direcção das Obras Publicas, até á vespera do dia da arremação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da adjudicação.

Aveiro, 13 de Novembro de 1900.

O Engenheiro Director,

Diniz Theodoro d'Oliveira.

Citação-Edital

(1.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão abaixo, se processam uns autos de justificação avulsa requerida por Margarida Soares, solteira, domestica, de maior edade, residente no logar dos Covaes, freguezia do Pinheiro da Bemposta, comarca d'Oliveira d'Azemeis, nos quaes a requerente pretende habilitar-se como unica e universal herdeira de seu sobrinho Albino Dias Ladeira de Castro, professor que foi do lyceu d'esta cidade, e aqui fallecido no dia 11 de setembro do corrente anno, no estado de solteiro, sem ascendentes nem descendentes e sem testamento, natural do logar de Souto, freguezia de S. Vicente da Branca, comarca de Albergaria-a-Velha, para o effeito de lhe pertencerem todos os seus e especialmente as letras de cambio de que era dono e possuidor, e que são: uma datada de 2 de maio de 1900 com vencimento a 5 mezes da data, em que é acceitante Antonio Ponce Leão Barbosa e sacador Manuel da Rocha, da quantia de 1:000$000 réis;—outra da mesma quantia com vencimento a 2 de Janeiro de 1901 em que é acceitante Luiz Cypriano Coelho de Magalhães e sacador Jayme de Magalhães Lima; outra de 600$000 réis com vencimento no dia 1 de março de 1901, com as assignaturas de João Rodrigues Pereira, Manuel Migueis Picado e Manuel da Rocha; e outra de 300:000 réis com vencimento no mesmo dia e com as mesmas assignaturas. Egualmente possuia dois depositos no valôr de 400:000 réis, cada um e com os numeros 4992 e 4993 na Caixa Economica d'Aveiro.

E assim correm editos de 30 dias a contar da publicação do 2.º e ultimo annuncio, a citar quaesquer interessados incertos que se julguem com direito á herança em questão para todos os termos até final da mesma justificação, e para na segunda audiencia posterior a este praso verem accusar a citação e marcar-se-lhes tres audiencias para deduzirem a opposição que tiverem.

Para os devidos effeitos se declara que as audiencias ordinarias n'este juizo se fazem todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo estes dias feriados ou santificados, por que n'este ultimo caso, se fazem nos immediatos, e sempre por dez horas da manhã no tribunal judicial, situado á Praça Municipal d'esta cidade.

Aveiro, 15 de novembro de 1900.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

F. A. Pinto.

O Escrivão do 5.º officio,

Manuel Cação Gaspar.

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—*AVEIRO*

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55×0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolachas das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Chegou já ao seu estabelecimento um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só afiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira.

82—PRAÇA DA BATALHA.

(*Em frente ao governo civil*)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo

(*Luz. Cam.*)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES!

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.